

Diários Gráficos: mediação do desenho nas percepções do cotidiano

Graph Diaries: mediation of the drawing with the daily perception

Beatriz Ribeiro

Graduanda Arquitetura e Urbanismo | IC PIBIC-Santander
Instituto de Arquitetura e Urbanismo- IAU.USP
beatriz2.ribeiro@usp.br

Paulo César Castral

Professor Doutor | Orientador
Instituto de Arquitetura e Urbanismo- IAU.USP
pcastral@sc.usp.br

Resumo

A pesquisa “Diários Gráficos: mediação do desenho nas percepções do cotidiano” tem como objeto de estudo uma das práticas de desenho que se constitui num rápido registro dos espaços; uma espécie de diário formado não somente por texto, mas também por desenhos, mostrando a experiência do indivíduo em meio à coletividade do espaço urbano. As questões tratadas por meio da análise dos cadernos são modos de explorações que envolvem as transformações perceptivas em relação à cidade. Como base para a observação dos desenhos foi realizado uma análise a respeito dos conceitos de linguagem onde a ferramenta é o registro no papel, buscando o entendimento da posição crítica do observador formada neste processo. Os cadernos também analisados, cada qual com sua forma de olhar para a cidade e de expressar ideias, permitiram uma abordagem sobre as formas de explorações que envolvem o ato de desenhar. Neste contexto, a atenção se volta para o processo de execução do desenho, em que a posição do observador, o recorte escolhido e a seleção dos componentes que se olha traduz o que se vê. O Diário Gráfico, desta forma, é visto, a partir de um registro pessoal, como uma nova proposta de olhar.

Palavras-chave: diário gráfico; percepção; posição crítica; olhar

Abstract

The research “Graph Diaries: mediation of the drawing with the daily perception” has as its object of study one of the drawing practices that consists in a quick record of the surroundings; a kind of diary formed not only by text, but also by drawings, revealing the individual’s experience through the collectivity of the urban space. The issues dealt through the analysis of these notebooks are exploration ways that involves the perceptive changes relative to the city. As basis to the drawings’ observations, was performed an analysis about the language

concepts, where the tool is the record in the paper, looking for the observer's critical position understanding formed in this process. The notebooks also analyzed each one with its own way of looking to the city and expressing ideas, allowed an approach about the exploration ways that involves the act of drawing. In this context, the attention is at the drawing's execution process, where the observer's position, the chosen area and the components selection that is observed, translate what is seen. The Graph Diary, in this way, is seen, from a personal record, like a new proposal of looking.

Keywords: graph diary; perception; critical position; looking

1- O olhar por meio do desenho

1.1- Imagem

As questões que envolvem a percepção relacionada ao Diário Gráfico enquanto processo se estabelece através de análises práticas de desenhos com base na teoria de estudos da área. O tema abrangente, primeiro será analisado a partir do conceito "Imagem", com um posterior relato das formas pelas quais esta informa sobre o mundo. O estudo das várias representações existentes aliado ao processo de exploração e exposição do Diário Gráfico consistirá na problemática principal, sendo abordada inicialmente através da relação da produção de ciência com as mudanças no olhar do observador.

O termo "imagem" é muito utilizado com significados sem ligações aparentes entre si e os diversos usos revelam a complexidade em sua definição. Pode ser empregue para designar uma imagem mediática, associando-se à publicidade; uma imagem mental, associando-se à atividade psíquica como sonhos; uma imagem digital, associando-se às produções no computador e uma imagem científica, conotada como real ou verdadeira, associada a fenômenos. Segundo Martine Joly, há dois conceitos na base da definição da palavra. O primeiro diz respeito à dependência de alguém para a produção da imagem e o outro é sobre a designação de algo através dela. Neste sentido, a imagem traduz-se em representações, podendo ser subdivida em descrições, reproduções e interpretações.

Na Antiguidade, Platão e Aristóteles sintetizam a discussão sobre a natureza mimética da imagem, questionando suas funções. Considerando-a como imitação da realidade, Platão diz que a imagem pode educar por um lado e enganar por outro.

"Como ele (Platão) considerava as coisas materiais comuns objetos miméticos, imitações de formas ou estruturas transcendentais, o retrato mais perfeito de uma cama

seria apenas uma imitação de uma imitação. Para Platão, a arte não é particularmente útil (o retrato de uma cama não serve para se dormir nele), nem, no sentido estreito, verdadeira. E os argumentos usados por Aristóteles em defesa da arte não contestam em realidade a ideia de Platão de que toda a arte é um elaborado trompe l'oeil, e portanto uma mentira. Mas ele questiona a ideia de inutilidade da arte de Platão”* (SONTAG, 2004, p. 11)

“A arte é útil, apesar de tudo, rebate Aristóteles, do ponto de vista medicinal, por despertar e purgar emoções perigosas” (SONTAG, 2004, p. 12)

Desta forma, Platão diz que a imagem confunde os sentidos e a inteligência. Por outro lado, seu discípulo, Aristóteles, transforma a imitação em algo positivo, observando a arte como um modo de interpretação do que se vê, assumindo assim um valor de expressão subjetiva. Esta, por sua vez, unida ao papel de imitação adere à relação da imagem com a realidade uma função dupla e simultânea.

Segundo Tiago Cruz (2012), na tese “Do registro privado à esfera pública, o Diário Gráfico enquanto meio de expressão e comunicação visual”, o que coloca em causa a noção de representação verdadeira e objetiva da realidade são os conceitos de “imitação” e “invenção” presentes em diferentes graus na imagem icônica. Ressalta-se assim uma alteração numa reprodução por parte do observador, mesmo quando prioriza-se a técnica na tentativa de uma perfeita representação do que é visto.

No texto “Contra a interpretação”, a autora Susan Sontag (2004), dando destaque a este caráter pessoal nas produções artísticas descreve a necessidade e dificuldade de suas respectivas análises e a sua opinião da posição da crítica da arte neste âmbito.

“Quer nossa concepção de obra de arte utilize o modelo do retrato, da representação (a arte como um retrato da realidade), quer o modelo da uma afirmação (arte como afirmação do artista), o conteúdo ainda vem em primeiro lugar. O conteúdo pode ter mudado. Agora menos figurativo, menos lucidamente realista. Mas ainda pressupomos que a obra de arte é seu conteúdo. (...) Nenhum de nós poderá jamais recuperar a inocência anterior a toda teoria quando a arte não precisava de justificativa, quando ninguém perguntava o que uma obra de arte dizia porque sabia (ou pensava que sabia) o que ela realizava. (SONTAG, 2004, p. 11)

1.2- Interpretação

O compromisso da consciência atual de compreender a arte, segundo a autora, traz certo incômodo até mesmo na palavra “conteúdo” presente da citação. Essa reação é explicada através da necessidade de interpretação, como observa-se nos trechos:

“Embora a corrente evolução de muitas artes pareça nos distanciar da ideia de que uma obra de arte é fundamentalmente seu conteúdo, essa ideia continua exercendo uma extraordinária hegemonia. Quero sugerir que isso se dá porque a ideia se perpetua agora sob o aspecto de uma certa maneira de encarar a obra de arte profundamente arraigada na maioria das pessoas que encaram com seriedade qualquer uma das artes. O que implica a excessiva ênfase na ideia do conteúdo é o eterno projeto da interpretação, nunca consumado. E, vice-versa, é o hábito de abordar a obra de arte para interpretá-la que reforça a ilusão de que algo chamado conteúdo de uma obra de arte realmente existe.” (SONTAG, 2004, p. 13)

“Para Marx, acontecimentos sociais como revoluções e guerras; para Freud, os fatos da vida de cada indivíduo (como os sintomas neuróticos e os lapsos de linguagem), bem como textos (um sonho ou uma obra de arte) – todos são tratados como motivos de interpretação. Segundo Marx e Freud, estes acontecimentos parecem inteligíveis. Na realidade, nada significam sem uma interpretação. Compreender é interpretar. E interpretar é reafirmar o fenômeno, de fato, descobrir um equivalente adequado” (SONTAG, 2004, p. 15)

Para a autora nossa tarefa não é descobrir o maior número de conteúdo possível numa obra de arte, mas sim reduzi-la para que possamos ver a coisa em si. Ela destaca, assim, a importância no momento da recuperação dos sentidos humanos, ou seja, precisa-se ver mais, ouvir mais e sentir mais.

A interpretação como forma de rever, transpor valores e fugir do passado estático agrega valores à experiência, esta por sua vez, sustenta a ciência, denominada pela autora Lucrécia Ferrara como o meio que distende o arco na direção da verdade, com atenção no olhar. *“A ciência da experiência é aquela do olhar atento: o exercício científico como desenvolvimento de uma capacidade homem: olhar para ver.”* (FERRARA, p. 164)

O olhar em busca de algo significativo pode ser notado quando o comum aos olhos é observado de forma atenta para reproduzi-lo no papel, dada assim a importância da análise de desenhos do cotidiano, ou seja, de diários gráficos, para notar a alteração da percepção existente, de modo a qualificá-la.

1.3- Inferência

O processo de produção desta nova posição em relação ao que é visto é uma atitude que se adquire perante um objeto, definição esta para o termo “ciência”, segundo Lucrecia Ferrara. Esta atitude nova é resultado de uma experiência associada à produção de novas ideias.

“Por outro lado, a inovação ou informação nova é, na prática, um quase signo novo, uma quase novidade, porque não é possível operar com uma informação totalmente nova, seria incompreensível. Entretanto, para ser nova, a informação deve reverter a rotina, deve ser, no mínimo, desautomatizante.” (FERRARA, p. 158)

A autora divide este processo em dedução, abdução e indução. Enquanto produção de conhecimento, a ciência parte de sistemas dedutivos e tem como contrapartida a dúvida para ser capaz de reverter os hábitos. A autora caracteriza a abdução como a produção de ideias; a indução como o teste e descrição delas transformando os fatos reais em ciência e a dedução como a teoria.

“Entre a primeira e a terceiridade, a secundidade, o território do aqui e do agora da experiência realmente vivida em impactos de ação e reação. Território de aprendizagem fértil e constante, mundo dos fenômenos realmente existentes que só adquirem identidade e representação pela variação da própria experiência, que, por sua vez, só se concretiza pela sua mediação sgnica: o índice, o sinal de um fato realmente existente.” (FERRARA, p. 160)

Interligadas à abdução, indução e dedução estão as classes da experiência cotidiana: primeiridade, secundidade e terceiridade, respectivamente. Tais modalidades possuem como signo, este sendo definido por Peirce como qualquer coisa que substitui algo, o ícone, o índice e o símbolo. O primeiro signo se qualifica na base da semelhança, a partir das sensações. A dúvida é o intermédio do índice, sendo visto como uma reação ao choque de ações que ocorrem aqui e agora. Já o símbolo se caracteriza através da força da lei, com ações repetidas, ou seja, um hábito.

A indução mesmo não sendo uma recuperação total da experiência, permite a introdução de lembranças e através de associações remonta o passado do indivíduo. Neste contexto, o repertório tem papel significativo, pois é o armazenamento de informações, constituindo-se também de interpretações e juízos perceptivos. *“Entre a experiência de hoje*

e o juízo perceptivo da experiência de ontem, registra-se uma tensão entre ações no tempo, uma tensão entre o presente e passado” (FERRARA, p. 162)

O espelhamento entre o ontem e o hoje permite uma identificação do passado na experiência atual, encontrando certo padrão que faz com que o aprendizado seja sedimentado no repertório, formando um conjunto de sentimentos que substituem as experiências, influenciando as reações do presente.

As alterações presentes nas representações por parte do observador faz com que a imagem possa desviar-se da realidade. Entretanto, esta pode também conduzir ou confundir-se com o que é reproduzido, segundo Tiago Cruz. Neste contexto se constrói a principal problemática em relação à imagem associada ao seu valor de verdade. O sentido que a imagem produz está preso ao que ela representa e deste modo surgem problemas sobre a questão da analogia, pois quando a semelhança é muita, a imagem ameaça o referente por poder substituí-lo. Entretanto, esta pode ser vista como enganadora quando há muita diferença do que está sendo realmente visto.

Com relação a esta problemática, fatores presentes no desenho que tratam da subjetividade justificam as diferenças entre este e a fotografia, evidenciando-os como meios independentes e insubstituíveis de representar e expressar.

A produção de sentido dos desenhos, segundo a tese de Tiago Cruz, envolve além dos elementos próprios e do autor códigos ligados ao conteúdo que estruturam a imagem; a forma com que ela é interpretada e o contexto com que é mostrada.

“...os significados são produzidos através de um complexo processo de negociação que constitui os processos e as práticas sociais através dos quais produzimos e interpretamos as imagens. No processo de construção, interpretação e uso das imagens, os significados alteram-se” CARTWRIGHT (2009 apud CRUZ, 2012, p. 25)

1.4- Registro

A imagem desempenha um importante papel de experimentação do real e na construção e definição do indivíduo, segundo Tiago Cruz. O autor relata que as imagens não são mais vistas em função do mundo, mas que vivemos o mundo em função delas. Dessa forma, as seleções que fazemos para o que nosso olhar se atenta depende de uma cultura individual e o processo de escolhas, que também pode ser visto como um ato de interpretar, transportar-se para a representação num desenho. *“...o olho humano não é um receptor neutro, passivo, automatizado e inocente, mas sim um instrumento condicionado e sujeito a uma aprendizagem cultural e a uma auto- aprendizagem” GUBERN (2007 apud Cruz, 2012, p. 26)*

No desenho, as diferentes formas de olhar e ver o mundo se evidenciam num processo de exploração e exposição.

“Ao nível do desenho, Jorge Spencer refere que este permite e nega a visão do objeto, que permite uma multiplicidade de formas de ver o mundo e é neste jogo de escolhas, entre as várias possibilidades de ver o mundo que o desenhador ‘determina o modo de dirigir o seu olhar.’ (1994 in Daciano da Costa, 1994:19)” (CRUZ, 2012, p. 19)

O diário gráfico, desta forma, constituindo-se de desenhos do cotidiano, associa-se com o processo de exploração, sendo também um meio de exploração de ideias.

“Numa época em que a imagem fotográfica domina enquanto forma de registro visual, o surgimento do Diário Gráfico, para este efeito, na esfera pública, mostra uma valorização do ponto de vista individual do autor, subjectivo, livre de uma relação mimética. Por outro lado, o reconhecimento de um valor de verdade associado a este objeto, mostra como o sujeito coloca em causa o que os seus próprios olhos veem e passa a acreditar que olhar é muito mais do que ver, que o que está em causa é um olhar construído e programado, individual, íntimo e único. Uma experiência.” (CRUZ, 2012, p. 22)

O estudo conceitual que envolve a imagem auxiliou no entendimento dos conceitos posteriores envolvidos no processo científico de que se constitui as questões relacionadas ao Diário Gráfico, enquanto ferramenta utilizada na educação do olhar. E este, por sua vez, é abordado através da visão de pesquisadores a respeito de sua utilização, sendo visto como um meio de muitas possibilidades de exploração.

2- Análise de Diários Gráficos

2.1- Proposta

O termo “Imagem”, como observado no item I, possui diversos usos e quando utilizado para designar algo traduz-se numa representação substituindo aquilo que representa, de acordo com Sperber. As representações subdividem-se em descrições, reproduções e interpretações, que são meios que o Diário Gráfico incorpora, e o predomínio de um em relação ao outro está associado ao uso e função deste. Pode-se ver como exemplo a utilização de comentários descritivos como elementos que agregam valor científico aos desenhos.

Foi realizada uma associação dos conceitos estudados durante a pesquisa com cadernos realizados pelos alunos do primeiro ano de graduação do curso de Arquitetura e Urbanismo em São Carlos, cuja proposta se consistia na produção de desenhos do cotidiano com atenção nos ambientes e objetos familiarizados da cidade em que residiam. Notou-se com predomínio desenhos que reproduziam o que estava sendo visto com fidelidade, com destaque para as construções de maior importância da cidade e utilização frequente de descrições, demonstrando o conhecimento a respeito do local retratado. Os textos são objetivos, mostrando localizações e características como o estado de conservação das construções.

2.2- Representação

Assim como o conhecimento adquirido a respeito da cidade, as experiências são muitas e os diversos desenhos as retratam, mostrando lembranças que surgem com a permanência no local. A autora Ana Carolina Felizardo, ao desenhar uma parte da escola na qual estudou, descreve o pensamento que surgiu enquanto o traço na folha se constituía e tomava forma. Recorda-se do nome pelo qual o lugar era chamado, e se pergunta sobre a sua participação na aparência atual deste. Pode-se dizer que este conjunto de ideias formado na medida em que o desenho se constrói é uma visão particular, ou seja, um modo de interpretar da autora.

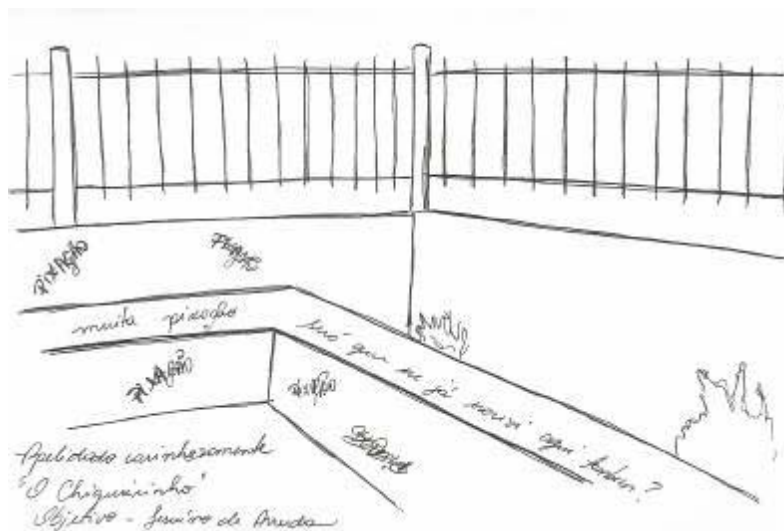


Figura 1. FELIZARDO, São Carlos, 2012

Tal representação, vista como forma de comunicação e expressão visual, são registros de uma experiência que envolve autor, sujeito, atividades e outros fatores e o Diário Gráfico,

desta forma, pode ser visto como um arquivo que substitui o referente e conserva os registros no espaço e no tempo.

2.3- Função

A análise das funções do Diário Gráfico implica na observação das funções da imagem.

“Partindo da noção de que a imagem é uma interface mediadora entre o Homem e uma determinada realidade e sendo a imagem uma produção humana que se propõe a estabelecer uma relação com o mundo, a sua função, segundo Jacques Aumont, está associada à forma como esta relação é explorada” (CRUZ, 2012, p. 14)

De acordo com a tese “Do registro privado à esfera pública, o Diário Gráfico enquanto meio de expressão e comunicação visual”, são três as formas da imagem se relacionar com o mundo: sendo símbolos; informando sobre a realidade (modo epistêmico) e descrevendo sensações (modo estético).

As imagens desempenham sempre mais de uma função, e no caso do objeto de estudo, a predominância das funções depende da utilização do autor. Mas quando observamos as funções enunciadas de modo geral, os Diários Gráficos possuem como predominância a função simbólica ou epistêmica, que se relaciona com um caráter mais exploratório e expositivo, enquanto a estética em alguns cadernos pode ser uma grande preocupação, construindo uma relação harmônica na página, e por outro lado em outros é quase uma recusa, pois o interesse volta-se unicamente para o registro, que muitas vezes ocorre de forma rápida e vulnerável a erros.

“O registro no Diário Gráfico (...) levando a um amplo espectro de estilos e olhares individuais e particulares. Estas diferentes formas de olhar, de ver o mundo, em que se escolhem determinados elementos e rejeitam-se outros, num processo de exploração e exposição, definem claramente uma cultura visual” (CRUZ, 2012, p. 19)

2.4- Estilo

Segundo o autor, a forma com que as imagens visuais são criadas e compreendidas, ou seja, a cultura visual, é responsável pelas escolhas do observador selecionando o que será desenhado no papel, constituindo seu estilo. Nota-se nos cadernos realizados pelos alunos diferentes formas de olhar e de modo mais amplo, há dois evidentes grupos nos quais

podemos separá-los. Um deles consiste de desenhos voltados exclusivamente para o pedido dos professores de Desenho I para a realização do caderno nas férias com foco para o cotidiano. Estes se caracterizam por Diários Gráficos menos subjetivos e presos a representações que sintetizam as férias, mostrando a cidade em que moram e os locais que frequentam. Nestes casos, os autores não se esquecem de desenhar os prédios importantes da cidade, como também a casa em que moram e os ambientes desta.

Por outro lado, há cadernos riquíssimos de particularidades, que aparentam uma profundidade de pensamentos e sensações através da elaboração dos desenhos. A proposta inicial, não só no momento em que foram feitos, mas durante a análise destes, se perde com o encantamento das páginas. A atenção dada aos lugares tão comuns aos olhos dos autores é essencial para o surgimento de desenhos únicos, ou seja, resultado de um processo particular livre dependente também das condições do momento de observação. As surpresas que o ambiente em sua extensão agrega tomam parte dos desenhos como experiência daquela permanência. Surgem novos componentes no desenho com o passar do tempo, como exemplo um veículo que atrapalha a vista do prédio que no início era foco e agora o conjunto se transforma e o inesperado por acaso toma parte do desenho em primeiro plano.



Figura 2. SGOTH, Matão, 2012

O estilo próprio de desenhar/ ver que dá originalidade aos cadernos é constituído por diversos fatores, como autor, contexto e tempo. Através destes, uma cena parecida pode ser expressa de maneiras distintas por cada pessoa que desenhá-la.

2.5- Eixos

A forma com que cada autor representa o que vê associa-se ao processo exploratório do lugar observado e também de exposição dos registros. Deste modo, as funções de natureza denotativa e conotativa da imagem, mesmo que sendo uma abordagem do signo fotográfico são de importância para o desenvolvimento da análise dos Diários Gráficos. Assim sendo, podemos ainda classificar as imagens de diversas formas, como descritas no trecho:

“Está em causa a imagem enquanto testemunho, confirmação, descrição e prova. Por outro lado, numa função mais icónica, está em causa a imagem enquanto demonstração, apresentação, memorização e recordação. (Schaeffer, 1996:55- 68; Ribeiro, 2004:36- 38) Segundo Ribeiro, “Podemos concluir que as quatro primeiras funções são do domínio da exploração, predominantemente denotativas; as quatro seguintes do domínio da exposição, predominantemente dependentes ‘dos códigos da experiência adquirida’, conotativas.” (2004:38)” (CRUZ, 2012, p. 16)

O estudo das imagens visuais, neste caso, desenhos dos Diários Gráficos implica o conhecimento de diversos conceitos para uma análise dos desenhos através destes.

“O registro no Diário Gráfico é uma representação semelhante ou análoga a algo, a alguma coisa, a um referente, produzida por alguém. Não é o objeto, mas sim uma representação do objeto, mais concretamente, e segundo Umberto Eco (cit. Gubern, 2007), relativamente à imagem, uma representação de uma imagem mental que o seu autor tem relativamente a esse mesmo objecto. Sugerindo deste modo que não existe uma relação directa entre o objecto e a imagem. No contexto do Diário Gráfico, aquando da criação dos registros, o autor percebe e interpreta sendo que o que passa para a folha do caderno é uma imagem mental resultante desse processo de negociação que manteve com o real” (CRUZ, 2012, p. 17)

A representação da imagem que o autor tem do que observa é expressa para o papel de forma que o resultado seja visto como uma imagem constituída de diversas funções nesta exposição. O desenho pode ser uma apresentação do que é retratado, sendo desenhado por únicos elementos soltos na página, geralmente constituído de uma fachada principal, no caso das construções. A função demonstração, por sua vez, é observada na maioria das vezes como uma ilustração, como em um dos cadernos, em que desenho de uma cachoeira em uma página ao lado é complemento de um texto que descreve uma história. Outro exemplo é quando o desenho mostra a sensação do autor com sua permanência ali. Esta pode ser de

espaço como mostrado no desenho abaixo, em que o autor desenha o local em sua extensão e de cor diferente para destacar está um homem. O desenho, desta forma, se configura numa demonstração da pequenez do autor naquele local.

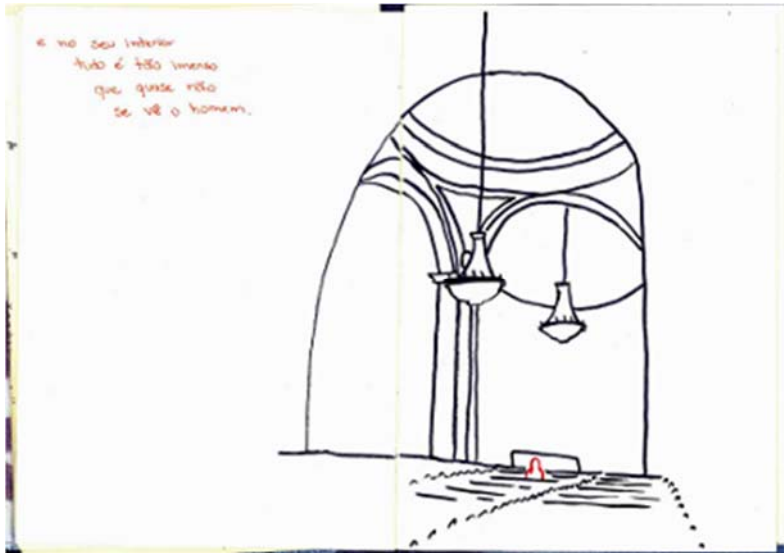


Figura 3. SOAVE, Americana, 2012

Como recordação, vê-se o desenho feito através de uma lembrança, ou seja, o autor dessa forma retrata algo visto que lhe lembrou de algum momento. Próximo a esta função, a rememoração é observada na medida em que as experiências passadas ali surgem com a construção do desenho e também tornam parte da configuração da página.

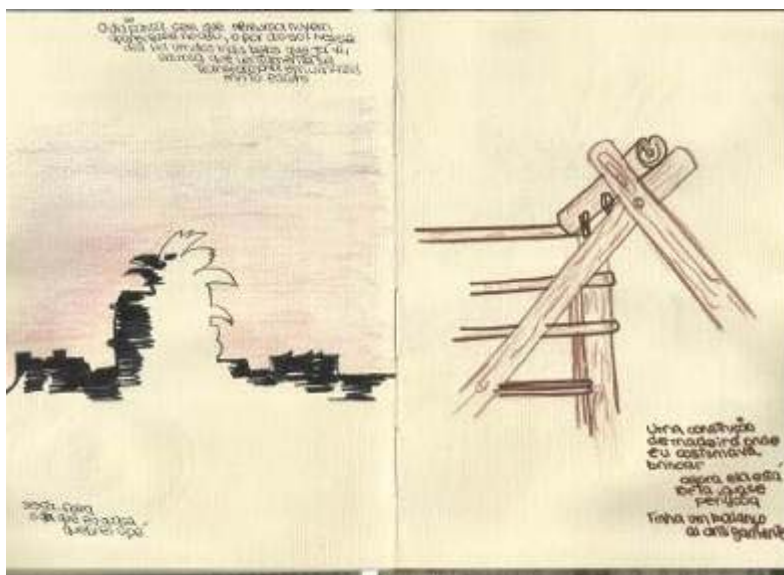


Figura 4. CÂNDIDO, Ribeirão Preto, 2012

2.6- Discurso

A compreensão da forma com que um recurso semiótico, sendo semiótica o estudo de signos e suas relações, é utilizada na produção de sentido se relaciona não só com o que é representado, mas também com a forma que se representa.

“Segundo Leeuwen (2005:93), a semiótica social está interessada, por um lado na natureza física e técnica do recurso semiótico – e os potenciais semióticos associados – e por outro a forma como é regulado o seu uso – juntamente com a sua história. O autor acrescenta que, desta forma, a semiótica social é predominantemente sobre o como da comunicação. Como é que os recursos materiais são utilizados para produzir sentido? Mas, porque não existe um como sem um quê é necessário olhar para o significado em si e assim sendo recorre-se à noção de discurso semiótico com o intuito de perceber o conteúdo da mensagem em si.” (CRUZ, 2012, p. 27)

Por discurso entende-se um conhecimento construído a respeito de uma dada realidade, e este, segundo Tiago Cruz, apresenta-se como recurso para a representação do saber, e apesar de não determinar aquilo que pode ser dito da realidade, não se pode representar sem utilizá-lo. *“Eles moldam o pensamento e o comportamento do sujeito e este por sua vez molda outros pensamentos e comportamentos ao utilizar os discursos existentes e criar novos discursos” (CRUZ, 2012, p. 28)*

O discurso representa o que é feito e o porquê está sendo feito, e de acordo com a questão de como um discurso transforma a realidade numa versão desta mesma realidade Leeuwen lista os elementos que fazem parte de uma determinada prática social.

“São estes as acções (aquilo que as pessoas fazem), o modo (como fazem), os actores (quem faz), a apresentação (com que apresentação), os recursos (com que recursos), o tempo (em que tempo), e o espaço (em que espaço) (Leeuwen, 2005: 106), salvaguardando o facto de que uma determinada representação pode conter apenas alguns destes elementos em detrimento de outros” (CRUZ, 2012, p. 28)

O autor Leeuwen relata ainda quatro tipos de transformação da realidade em discurso: a exclusão, em que os discursos excluem elementos da representação; o reordenamento, em que os discursos reordenam os componentes; a adição, em que os discursos adicionam elementos e a substituição, em que os discursos substituem o concreto pelo abstrato.

A análise dos cadernos feitos pelos alunos através de um olhar pesquisador é a iminência de questões que envolvem o desenho, e em sua particularidade, o Diário Gráfico. Esse olhar esteve atento às conexões com os termos conceituais vistos a respeito dos estilos dos autores; às variadas formas que a imagem aparece; à representação como reprodução, descrição e interpretação e dos meios pelos quais o discurso se transforma em realidade. Os cadernos complementaram a teoria, destacando a problemática existente com respeito às mudanças que o ato de desenhar e ver a cidade através da observação propicia.

3- Alteração do olhar e da percepção

Após a leitura de textos relacionados ao uso do desenho e suas funções e o aprofundamento com os conceitos do termo imagem e suas relações com as páginas elaboradas dos Diários Gráficos realizados pelos alunos do curso de Arquitetura e Urbanismo, este capítulo de forma mais ampla abrangerá as distintas formas que os alunos utilizaram o caderno como instrumento de expressão, e as contribuições do ato de desenhar na construção da percepção do autor e na educação do olhar.

O Diário Gráfico, através de Tiago Cruz, é visto como um objeto intimista que permite uma aproximação aos pensamentos do autor e seus pontos de vista. O observador desta forma utiliza o caderno para a exploração de uma ideia eternizando a ação em relação ao espaço, tempo e subjetividade. *“Este acto de carácter exploratório e experimental é algo muito pessoal e, como tal, está normalmente conotado com intimidade e privacidade.”* (CRUZ, 2012, p. 52)

O caráter íntimo e privado proporciona a utilização do Diário Gráfico de forma despreocupada libertando o olhar do autor, de modo que os desenhos não tenham o objetivo de representar fielmente o que está sendo visto, mas sim se compor de traços com importância para o próprio autor. Esta relação se associa com a análise a respeito dos estilos dos Diários Gráficos realizados pelos alunos do curso de Arquitetura e Urbanismo, destacando os dois grupos: um que mostra a cidade e os conhecimentos a respeito dela e o outro que consiste de desenhos libertos da proposta, completamente pessoais e imprevisíveis.

A despreocupação ao desenhar aparece como característica de determinados autores. É observada através de desenhos livres, com um olhar quase despercebido para o que, de forma geral, atrai mais a atenção. Deste modo, o foco dos desenhos passa a ser para coisas pequenas que estão ao redor constantemente de todos.

“O desenho é uma linguagem, um meio de expressão, um meio de transmissão do pensamento. O desenho, perpetuando a imagem de um objeto, pode ser um documento

contendo todos os elementos necessários para evocar o objeto desenhado, quando este desaparece. (...) O desenho permite transmitir integralmente o pensamento sem a concorrência das explicações escritas ou verbais. Ele ajuda o pensamento a se cristalizar, a tomar corpo, a se desenvolver.” (LE CORBUSIER, 1968 apud NASCIMENTO, 2002, p. 48)

Em relação às funções estudadas, o Diário Gráfico é um instrumento de interpretação, análise e compreensão. A representação, como meio de expressão, é um registro que resulta de sensações e olhares críticos, permitindo caracterizar o ato de desenhar rápido e espontâneo como uma ferramenta eficiente da percepção da cidade.

O registro ligeiro permite ao desenho a característica de esboço, ou seja, uma expressão quase imediata dos pensamentos, fazendo com que o traço corra atrás da imprevisibilidade e participe do processo de criação. Os erros, dessa forma, não são vistos como erros e o processo possui maior importância do que o resultado, evidenciando a aprendizagem pessoal que o traço e o olhar propiciam.

“Estes atributos fazem com que o Diário Gráfico se transforme num objecto indispensável: ora para relatar o nosso quotidiano, ora para memorizar o que quisermos que seja memorável, ora para reflectirmos por meio do desenho, ou para guardarmos as informações que necessitamos, ou simplesmente para passar o tempo ou para nos divertir.” (SALAVISA, 2011, p.121)

O autor refere-se como atributos o caderno como objeto de fácil locomoção e as características que envolvem o curto tempo em que suas páginas são elaboradas. Eduardo Salavisa, em seus estudos, observa a utilização do Diário Gráfico como estratégia útil em Artes Visuais para a aprendizagem. O aprender a desenhar, ato importante para diversas profissões é algo que vem através do próprio gosto e da observação e a prática acrescenta a qualidade para a técnica. As habilidades específicas que o curso de Arquitetura e Urbanismo aperfeiçoa são acompanhadas da construção do pensamento através do desenho.

O destaque para certos elementos em relação a outros e as escolhas realizadas na observação constroem a educação do olhar, aumentando o repertório do autor e participando da formação da visão crítica em relação à cidade. O momento de permanência no local onde o desenho é feito desperta sensações daquela vivência, como descrito no desenho abaixo em que o autor ao observar uma praça relata a sua movimentação, com destaque para as pessoas que ali frequentam e o que fazem em determinado momento do dia. Essa observação é o primeiro passo para a análise de outras necessidades para aquele lugar ou de

melhoramento de funções, uma vez que a base de um projeto são as pessoas que se beneficiarão dele.



Figura 5. SGOTH, Matão, 2012

O melhor entendimento do local ou construção observado pode ocorrer por intermédio do desenho. Este uso é evidente em páginas que aparecem uma sequência de tentativas de esboçar a forma aparente do que está sendo analisado e nesta evolução vê-se o desenho como ferramenta. O percorrer de uma construção acompanhado de traços rápidos de partes separadas com descrições auxiliam na compreensão do espaço, como também facilita a memorização do projeto e os guarda nas páginas para posteriores análises.

A percepção de um projeto arquitetônico ou urbanístico se constitui do olhar do autor atento a aquele entendimento. Por outro lado, a compreensão pode parecer imperceptível para o autor enquanto ele apenas descreve e passa para o papel o que vê.

O olhar atento, algumas vezes, fruto de uma visão crítica quase inconsciente, outras vezes se destaca no desenho como uma observação do próprio autor. Em muitas páginas dos Diários Gráficos, características são evidenciadas na representação do autor de acordo com os destaques de interesse. Por outro lado, os desenhos podem possuir elementos que não fazem parte da cena real, mas mostram sensações despertadas por aquele momento

“O Diário Gráfico é um lugar livre que não nos pune, não nos repreende, ouve-nos em silêncio e deixa-nos partir para a descoberta sem cobrar no regresso. As palavras, os desenhos, as folhas rasgadas, os papeis colados, as aguadas, tudo toma o seu lugar, tudo dialoga sem senão, o erro aqui tem o lugar primordial sem que seja punido ou

chamado atenção. (...) O Diário Gráfico é uma necessidade, pois é nele que deixamos os nossos passos, que o recordamos com a saudade presa a um determinado momento que ali ficou registrado, ao nosso jeito, daquela forma porque aquele momento assim o permitiu.” (SALAVISA, 2011, p.129)

A autora Márcia Daniela Silva, descreve a importância que as páginas compostas de expressões e interpretações íntimas e despreocupadas possuem como memória de momentos únicos. O desenho, além das características evidentes auxilia na construção da percepção do observador e na formação da visão crítica a respeito da cidade, sendo desta forma, um meio de aprendizagem essencial no relacionamento tácito urbano.

Os textos da área e o estudo das funções da imagem encontraram na análise dos Diários Gráficos exemplos da teoria, permitindo as comparações feitas e um aprofundamento no estudo da utilização do desenho. Os cadernos elaborados por diversos alunos no local em que residem mostraram distintos usos daquelas páginas, cada qual com sua forma de olhar para a cidade e de expressar ideias e pensamentos, aprimorando a visão crítica do meio em que o arquiteto e urbanista intervêm.

Agradecimentos

Ao Santander, pelo apoio financeiro da bolsa de Iniciação Científica.

Ao Núcleo de Apoio à Pesquisa em Estudos de Linguagem em Arquitetura e Cidade - N.ELAC, pelo apoio e suporte.

Ao Instituto de Arquitetura e Urbanismo de Arquitetura da Universidade de São Paulo, IAU.USP.

Bibliografia

Textos

CASTRAL, P. C.; LANCHA, J. J. ; VIZIOLI, S. H. T.. O caderno de viagem, o ensino e a percepção da cidade. In: XI SHCU (Seminário de história da cidade e do urbanismo), 2010, Vitória. Anais do XI SHCU - Seminário de história da cidade e do urbanismo: a construção da cidade e do urbanismo. Ideias têm lugar?. Vitória : UFES, 2010.

CASTRAL, P. C.; Simone Helena Tanoue Vizioli; A percepção do espaço urbano: o corpo, o espaço e o tempo. In: Anais 6o Fórum de Pesquisa FAUMackenzie, São Paulo, 2010.

CRUZ, T.; Do registro privado à esfera pública, o Diário Gráfico enquanto meio de expressão e comunicação visual, Mestrado em Comunicação na Era Digital: Estratégias, Industrias e Mensagens. Instituto Superior da Maia, 2012

FERRARA, Lucrécia D'Alessio. Olhar Periférico: informação, linguagem, percepção ambiental. São Paulo, Edusp, 1993
Imaginar | Nº54. Associação de Professores de Expressão e Comunicação Visual, Porto, 2012.

MOUTINHO, M. C. M.; Mateus Diogo; Primo Judite (Org.). Desenho Urbano, Elementos de análise morfológica. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas, 2007. v. 1. 128

NASCIMENTO, Myrna de Arruda. Arquiteturas do Pensamento. Tese apresentada à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo para obtenção de título de Doutor. São Paulo: 2002.

SALAVISA, E. Diários Gráficos em Almada. Almada: Museu da Cidade, 2011

SONTAG, S.; Contra a Interpretação e Outros Ensaio. Lisboa: Editora Gótica, 2004

Desenhos

FELIZARDO, A. C.; Diário Gráfico, São Carlos, SP. 2012

SGOTH, A.; Diário Gráfico, Matão, SP. 2012

SOAVE, I.; Diário Gráfico, Americana, SP

CÂNDIDO, M. E. F.; Diário Gráfico, Ribeirão Preto, SP